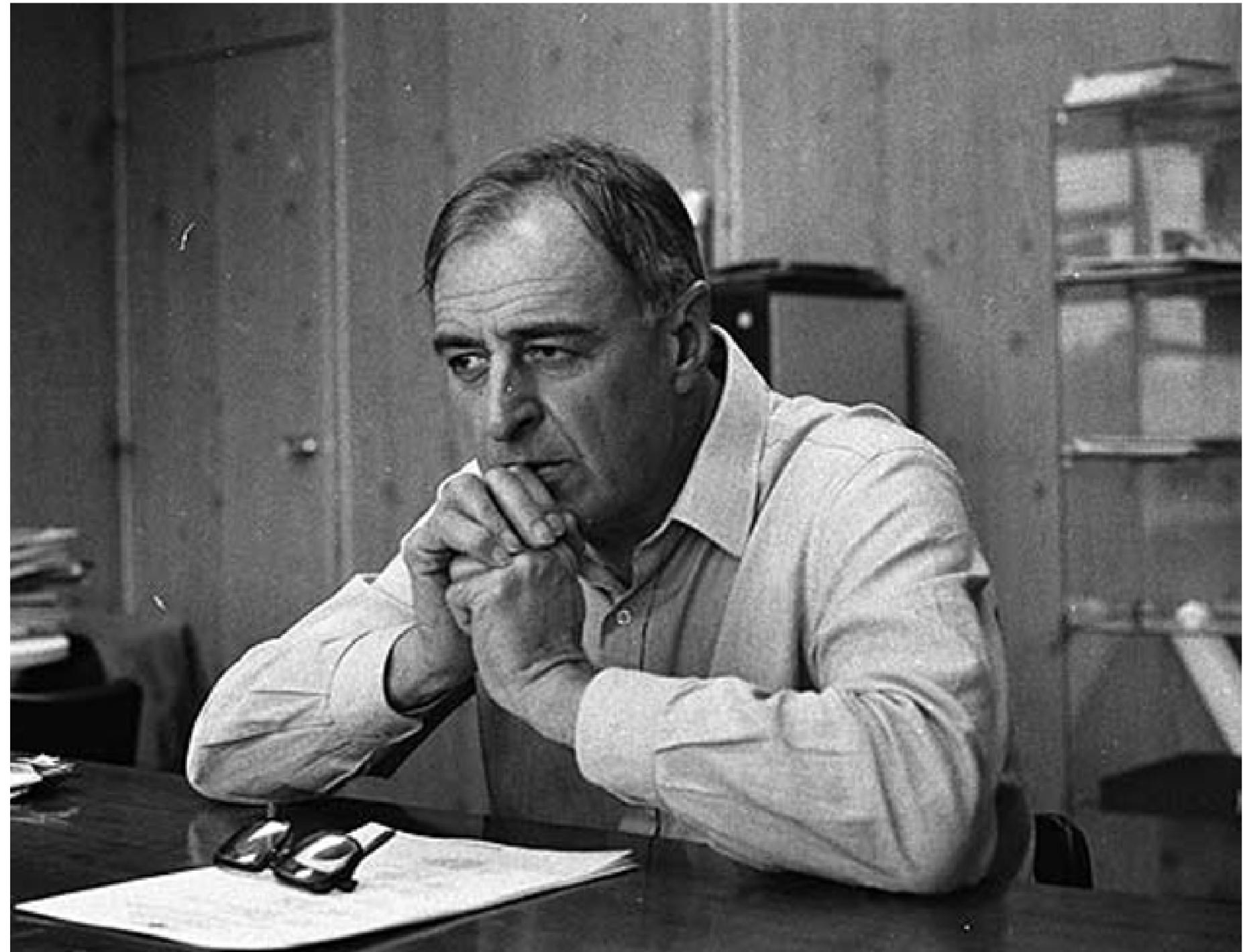


Disciplina Arte do Século XX no acervo do MAC USP (MAK0132)

Aula 10

**Formação antigo MAM SP,  
MAC USP e Bienal de SP &  
atuação de **Walter Zanini** no  
MAC USP, na historiografia da  
arte no Brasil e seu legado para  
a produção moderna e  
contemporânea**

Dra. Renata Dias Ferraretto Moura Rocco  
Doutoranda Marina Barzon



# Agenda

\* Formação de um sistema arte moderna SP  
a formação do antigo MAM SP, MAC USP e Bienal de SP

\* breve currículo do Prof. Zanini;

\* contribuição com o MAC USP e na Bienal de SP – suas práticas curatoriais,  
sua contribuição no campo da historiografia da arte.

## Referências :

\*Walter Zanini, *Introversão, extroversão do Museu de Arte Contemporânea*,  
1969, pp. 112-114; .

\*Annateresa Fabris, *Walter Zanini, o construtor do MAC-USP*, CBHA, 2009;

\*Catálogo exposição no MAC USP: "Por um Museu Público: Tributo a Walter  
Zanini", curadoria Dra. Cristina Freire e pesquisadora Adriana Palma.  
link: <https://geacc.tumblr.com/catalogozanini>.

\*Ana Gonçalves Magalhães. *Expor e colecionar a formação de acervos de  
arte moderna e contemporânea entre o MAM e o MAC USP*. In *MAM 70  
1948-2018*[S.l s.n.], 2018.Arquivo

# Sistema das Artes | São Paulo



## **Galeria Domus:**

funcionamento entre anos  
1947-1951

Anna Maria e Pasquale  
Fiocca

# Sistema das Artes | São Paulo

Paolo Rissone. *Figura Azul*, 1951

óleo sobre papelão, 62,9 x 49 cm

Doação Francisco Matarazzo Sobrinho

MAC USP

Exposto na Domus em 1951

# Casal Bardi | Museu de Arte de São Paulo



Fundação MASP 1947 - Rua 7 de Abril - Bardi e Chatô



Pietro Maria & Lina Bo Bardi

# Casal Bardi | Museu de Arte de São Paulo



Exposição, "Panorama da História da Arte".  
MASP 7 de Abril.  
Sala das exposições didáticas, 1947



Prédio dos Diários Associados, na rua 7 de  
Abril, onde funcionou o MASP até 1964.

# Casal Ciccillo Matarazzo e Yolanda Penteado | Antigo MAM SP



- 1946-47: aquisições na Itália e na França para formação do acervo do antigo MAM SP  
Intermediadores Italianos: Margherita Sarfatti/  
Livio Gaetani/ Enrico Salvatori/ Alberto  
Magnelli
- 1946: doações Nelson Rockefeller
- 1948: Antigo MAM SP - instalado inicialmente na Metalúrgica Matarazzo no Brás, e depois na R. Sete de Abril no Centro, dividindo o segundo andar do edifício com o MASP
- 1949: exposição de inauguração do Museu: Do Figurativismo ao Abstracionismo, curada por Léon Degand

# Casal Ciccillo Matarazzo e Yolanda Penteado | Antigo MAM SP

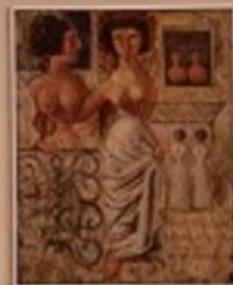


- 1948: Fundação do Teatro Brasileiro de Comédia - TBC
- 1949: Fundação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Paulo
- 1951: Criação da Bienal de São Paulo.
- 1953: Ciccillo passa a presidir a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954) que resultou a construção do complexo do Parque Ibirapuera e na mudança de endereço da Bienal de São Paulo para o Pavilhão da Bienal

André Masson. *Germinação*, 1942  
guache sobre papel. 51,3 x 66,5 cm  
Doação Museu de Arte Moderna de São Paulo. MAC  
USP

“Há muito os artistas plásticos e os intelectuais paulistas vêm trabalhando no sentido de organizar uma sociedade com o fim de estimular o movimento artístico contemporâneo. Dessa campanha nasceu (...) a ideia da Fundação do Museu de Arte Moderna, ideia que teve grande repercussão nos nossos meios artísticos. (...)  
**Aproveitando a presença entre nós do sr. Nelson Rockefeller (...) um grupo de amadores e profissionais de arte promoveu ontem, com a presença daquele ilustre visitante, uma reunião na Biblioteca Municipal, com o intuito de estudar a criação do Museu de Arte Moderna em São Paulo.** O professor Carleton Sprague Smith, delegado do Museu de Nova York, que veio com o sr. Rockefeller, expôs os métodos e a técnica de intercâmbio entre os museus norte-americanos, explicando como poderiam ser aplicados aqui aqueles métodos. **O sr. Rockefeller trouxe alguns quadros como primeira contribuição e estímulo ao nosso futuro Museu.** A comissão encarregada dos trabalhos preliminares dessa obra ficou composta dos srs. Assis Chateaubriand, Sérgio Milliet, Carlos Pinto Alves, Eduardo Kneese de Mello, Quirino da Silva e Rino Levi.”

*A estada do sr. Nelson Rockefeller em São Paulo.* O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 8, 23 nov. 1946. [APUD. diss. Carolina Rossetti, PGEHA USP]





Informational text panel, likely describing the artwork to the left.



Informational text panel, likely describing the artwork to the left.

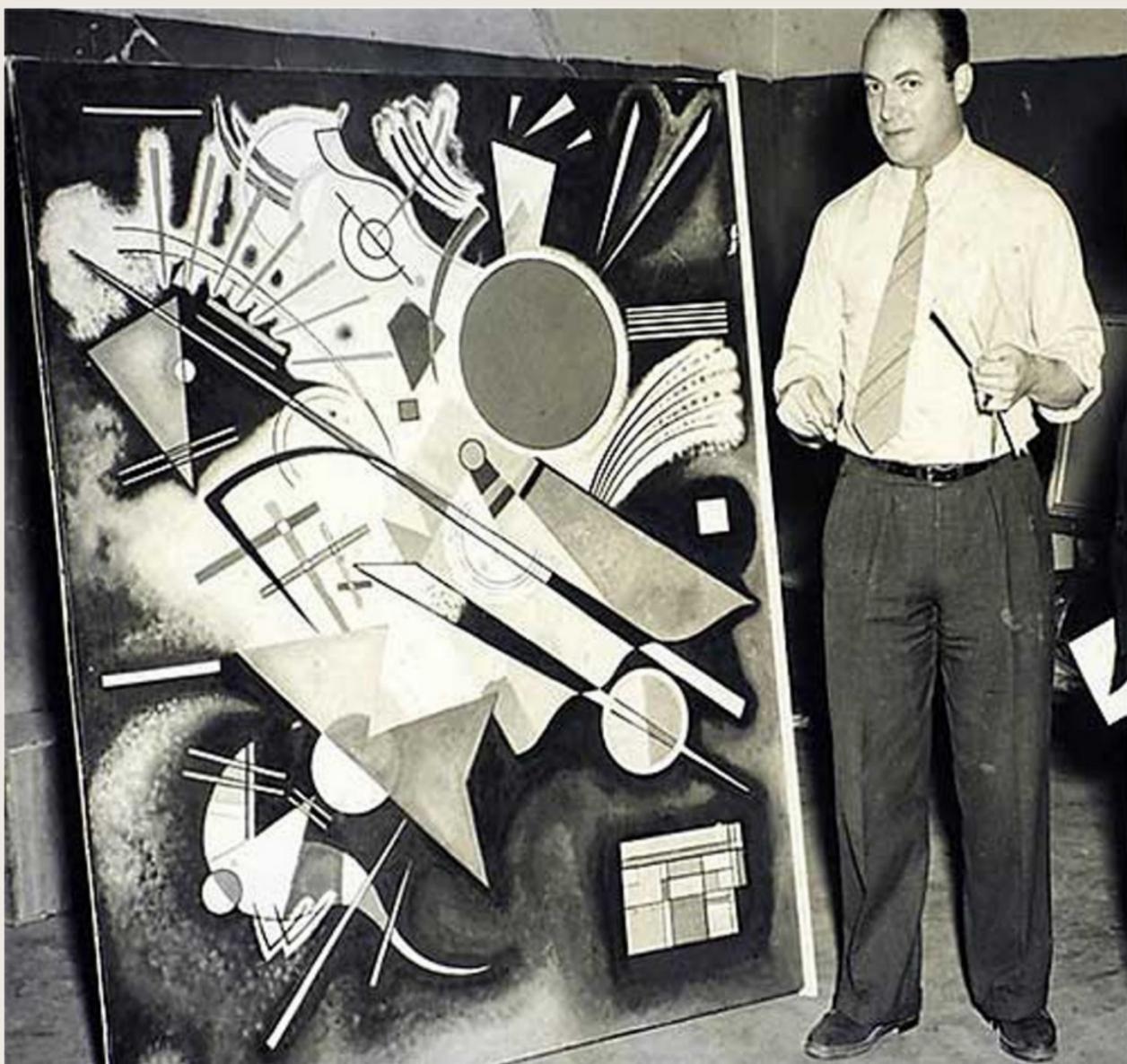


Informational text panel, likely describing the artwork to the left.



Informational text panel, likely describing the artwork to the left.





Léon Degand, organizador da exposição "Do Figurativismo ao Abstracionismo", com obra de Wassily Kandinsky participante da mostra



Henri Ballot  
Samson Flexor e Leon Degand na exposição Do Figurativismo ao Abstracionismo (MAM SP)  
São Paulo, 1949  
Acervo Instituto Moreira Salles

# A 1ª Bienal de São Paulo: 20 de outubro - 23 de dezembro de 1951



Peter Scheier. Pavilhão da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, esplanada do Trianon, avenida Paulista, 1951. Acervo IMS

# A 1ª Bienal de São Paulo: 20 de outubro - 23 de dezembro de 1951



25 países  
729 artistas  
1854 obras

Abertura da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, esplanada do Trianon, avenida Paulista, 1951

## **A 1ª Bienal de São Paulo: 20 de outubro - 23 de dezembro de 1951**

Por sua própria definição, a Bienal deveria cumprir duas tarefas principais: colocar a arte moderna do Brasil, não em simples confronto, mas em vivo contato com a arte do resto do mundo, ao mesmo tempo que para São Paulo se buscava conquistar a posição de centro artístico mundial. Era inevitável a referência a Veneza; longe de fugir-se a ela, procurou-se tê-la como uma lição digna de estudo e, também como um estímulo encorajador. Nesse momento impôs-se submeter o Museu de Arte Moderna a uma dura prova porquanto, se no estrangeiro não tivesse sua reputação firmada, melhor fôra abandonar seu ousado projeto. A prova terá sido difícil, mas o resultado revelou-se positivo.

Lourival Gomes Machado, Catálogo 1ª. Bienal de SP, 1951, p. 15



Peter Scheier. Os limões, de  
Danilo di Prete na I Bienal de  
São Paulo, 1951.  
Acervo IMS

Danilo di Prete. *Os limões*, 1951,  
óleo sobre tela, 48,6 x 64 cm. MAC USP

## Antigo MAM SP- MAC USP | Fundação Bienal de SP

- 1963: transferência do acervo do antigo MAM SP para a USP com:1690 obras reunidas pelo antigo museu desde 1948 - divididas em três coleções: 1) **Coleção Francisco Matarazzo Sobrinho** (com 428 obras), 2) **Coleção Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado** (com 19 obras, cuja doação só foi efetivada em 1973), 3) a chamada **Coleção MAMSP** (com 1243 obras).
- 1963: criação do MAC USP
- primeiro diretor do MAC USP - prof. Walter Zanini. Instalado no 3º. Andar do Pavilhão Bienal SP por 20 anos
- 1962: Matarazzo cria a Fundação Bienal

## Antigo MAM SP- MAC USP | Fundação Bienal de SP

- 1967: MAM SP – doação de obras da coleção de artistas modernos brasileiros ou naturalizados, pela família de Carlo Tamagni, após seu falecimento
- 1969: inauguração do MAM nessa “segunda fase” com a mostra Panorama da Arte Atual Brasileira, na sua sede na marquise no Parque do Ibirapuera, local que ocupa até hoje
- Panorama de Arte Brasileira – idealizado por Diná Lopes Coelho (diretora da instituição até 1982)
- Panorama – ainda existente | a cada dois anos | 35 edições

Walter Zanini



## **Walter Zanini (SP, 1925 - SP, 2013)**

- 1956 - Graduação Université de Paris VIII;
- 1961 - doutorado pela mesma universidade;
- Estuda na França, Inglaterra e Itália;
- Além das aulas na faculdade, frequentou a escola do museu do Louvre | teve aula com professores ilustres, como Andre Chastel (orientador doutorado) e Germain Bazin;
- Na volta ao Brasil, em 1961, foi convidado para assumir o cargo de professor de História da arte na Faculdade de Filosofia de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo;
- Foi Professor titular de História da Arte da ECA/USP, onde trabalhou até se aposentar;
- fundador do Departamento de Artes Plásticas da ECA, onde atuou como professor de graduação e pós-graduação;
- Professor de História da Arte da FAAP, onde coordenou uma equipe de professores que incluía nomes como Júlio Plaza e Regina Silveira;
- Orientador de trabalhos acadêmicos de referência;
- Contato intenso com pesquisadores e museus fora do Brasil.

# Walter Zanini

- primeiro diretor do MAC USP (1963–1978) – durante a ditadura militar
- fez o inventário das coleções de Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado antes de ser nomeado Diretor Museu/ inventariou a documentação;
- 1971 – presidente e fundador do Comitê Brasileiro de História da Arte (filiado ao Comitê Internacional de História da Arte);
- publicou o catálogo geral de obras do museu em 1973;
- organizador dos volumes referenciais da "História Geral da Arte no Brasil", 1983;
- Além desse, publicou livros importantes:
- Tendências da Escultura Moderna (1971);
- A arte no Brasil nas décadas de 1930–40: o Grupo Santa Helena (1991);
  - Vicente do Rego Monteiro (1997);
  - "Vanguardas, desmaterialização, tecnologias na arte " – manuscritos de Zanini organizados e publicados por Eduardo de Jesus.
- curador da 16ª e da 17ª Bienais de São Paulo (1981 e 1983);

# Walter Zanini – MAC USP

“Essa experiência universitária (de museu) é mais uma produção americana. Essa relação dos museus de arte em geral com as universidades em vários estados dos EUA é algo comum. [...] Mas não é uma experiência europeia. Pode ser que haja algum caso, mas lá o ensino da arte teórica é feito na universidade e os museus são entidades distintas. Eu vinha de uma formação assim e era docente na USP, mas achei que o museu, naquele momento, era um local apropriado junto ao conjunto de estudos da universidade e suas complementariedades”

Entrevista de Zanini para Cristina Freire, 2008-2009.

- Zanini pensava num programa **retrospectivo** ao mesmo tempo que se preocupava com a **atualização** da noção de arte e do que se tem nas coleções.
- MAC USP foi primeiro museu no Brasil a colecionar e estudar obras feitas contemporaneamente / museu laboratório.
- Cria setor de Vídeo no museu final anos 1970, coordenado por Cacilda Teixeira da Costa.

# Walter Zanini – MAC USP

Josef Albers. *Homenagem ao Quadrado: Signo Raro*, 1967.  
Óleo sobre aglomerado de madeira, 101,5 cm x 101,5 cm,  
Aquisição MAC USP

Lucio Fontana. *Conceito Espacial*, 1965  
óleo sobre tela, 92,4 cm x 73,2 cm  
Aquisição MAC USP

Vicente do Rego Monteiro. *Retrato de Joaquim do Rego Monteiro*, 1920,  
óleo sobre tela, 42,5 cm x 32 cm,  
Aquisição MAC USP

# Walter Zanini – MAC USP

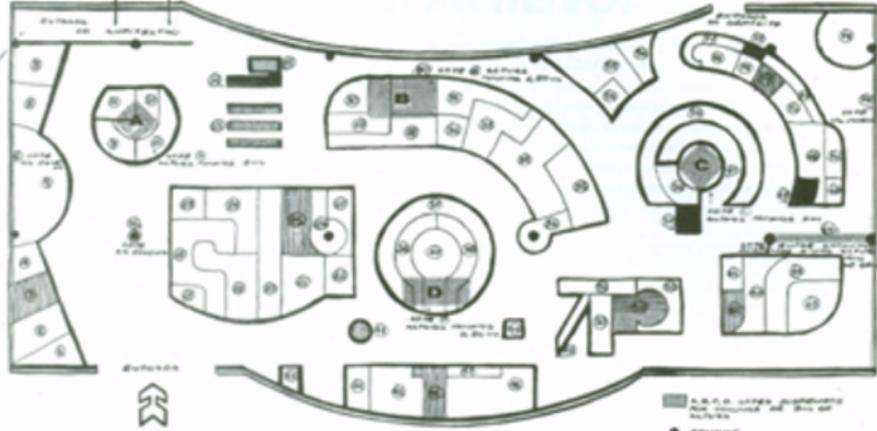
- Cristina Freire [exposição Por um Museu Público: Tributo a Walter Zanini, 2013–2015]: divide em: 1: Anos iniciais (1963–68); 2: o triunfo do museu experimental (1969–1973); 3: a rede é ampliada – arte e tecnologia no museu (1974–1978)
- **Jovens artistas – contemporâneos**
- realizou mostras Jovem gravura nacional (1964 e 1966) e Jovem desenho nacional (1963 e 1965).
- 1967–1974: Jovem arte contemporânea [JAC] -> exposições anuais.
- exposições de artistas brasileiros e internacionais – no caso do Brasil, grandes retrospectivas de artistas ligados ao modernismo/ arte moderna:
- Tarsila (1969), Gomide (1968), Vicente (1974), de Fiori (1975), Mario Zanini (1976), Anita Malfatti (1977), Di Cavalcanti (1976), Flavio de Carvalho (1973).
- Gomide e Vicente tiveram suas primeiras grandes retrospectivas no MAC USP.
- Mário Zanini [tio de Walter] e Pennacchi foram objetos de grandes doações para o Museu, respectivamente em 1975 e em 1976. Flávio de Carvalho (1963) doa 22 guaches figurinos *Balé A Cangaceira*

## **“Introversão, extroversão do MAC USP”, 1969**

- O Novo Museu de arte que se integra ao público;
- Não se apresenta como um cemitério nobre de antigas civilizações;
- Desfaz-se da aura sagrada em que se confinava, atendendo quase só a minorias e especialistas para ser instrumento de larga comunicação;
- Integrado ao planejamento de cultura da cidade e dos países/ não é gueto;
- Continuidade das atribuições “clássicas”: apropriação, preservação e exposição;
- Mas novo museu deve ser um agente de transformação e o público deverá sair da contemplação passiva;
- Deve agir fora de seus muros – não apenas órgão visitável, mas visitante – pelas exposições itinerantes, palestras, cursos, eventos etc;

[programa de itinerância -- cidades do interior paulista e diversos estados como Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Bahia, Pará, Ceará, Pernambuco, Distrito Federal, Paraíba – durante dez anos (1963–1973), Fabris, p. 18.]

VI JAC - MAC USP - 14 e 28 outubro 1972



**OUTUBRO**

<b>14</b> INAUGURAÇÃO - SOLTEIRO DOS VOTES 10 h. PERMISSÃO - 1 das 16 às 18 h.	<b>16</b> PROCESSO/MONTAGEM das 16 às 19 h.	<b>17</b> PROCESSO/MONTAGEM das 14 às 19 h. VERIFICAÇÃO DOS PRO- GRAMAS DE TRABALHO das 16 às 17 h.	<b>18</b> PROCESSO/MONTAGEM das 14 às 19 h.	<b>19</b> PROCESSO/MONTAGEM das 16 às 19 h. APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS das 20 às 21 h. VERIFICAÇÃO DE COORDENAÇÃO E EVENTOS CANCEL- LAMENTOS DE LOTES das 21 às 23 h.	<b>20</b> PROCESSO/MONTAGEM das 14 às 19 h. PERMISSÃO - 2 das 19 às 21 h.	
<b>21</b> PROCESSO/ MONTAGEM das 14 às 19 h.	<b>23</b> PROCESSO/MONTAGEM das 16 às 19 h.	<b>24</b> PROCESSO/MONTAGEM das 16 às 19 h. APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS (continu- amente) das 19 às 21 h. VERIFICAÇÃO DOS LOTES	<b>25</b> APRESENTAÇÃO de pontos das 20 h.	<b>26</b> DISCUSSÃO PÚBLICA DAS PROPOSTAS das 19 às 23 h.	<b>27</b> DISCUSSÃO PÚBLICA DAS PROPOSTAS das 19 às 23 h.	<b>28</b> ATRIBUIÇÃO DE VERBAS DE PESQUISA e pontos das 10 h. ENCERRAMENTO

**6ª EXPOSIÇÃO  
JOVEM ARTE  
CONTEMPORÂNEA**  
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
14 A 28 DE OUTUBRO DE 1972  
SÃO PAULO PARQUE IBIRAPUERA BRASIL

Montagem da VI JAC, 1972

## VI JAC - MAC USP - 14 e 28 outubro 1972

O MAC procurará centralizar a VI JAC nas tendências artísticas contemporâneas que transferem a ênfase do objeto produzido para os processos de produção: arte do efêmero, arte sensorial e conceitual, arte ambiental, e outras opções criativas que nos dias atuais voltam sua atenção para os processos dinâmicos da atividade artística.”

Regulamento VI JAC 1972, s/p

A substituição da obra acabada pelo processo, ou pela execução da proposta durante o evento, visava criar uma nova forma de trabalho que “não se confundisse com o que o artista realizava em seu ateliê”.

[Zanini, 1972, apud LOPES, Almerinda, revista Modos]

**marco na história das exposições**



Rubens Coura - coelhos vivos com o pelo tingido com pigmentos antialérgicos (nas cores de roxo, amarelo e azul), expostos presos em gaiolas de arame. Ao final do evento, o público foi convidado a soltar os animais. Como as gaiolas estavam travadas ferro, os participantes precisaram forçar a abertura para libertar os coelhos.

Estes se espalharam pelo espaço do Museu por todos os lotes e o público foi atrás deles, gerando um inusitado *happening*.

As gaiolas quebradas ou semidestruídas foram mantidas até o final da exposição, fazendo referência ao momento político e ausência de democracia no país.

[LOPES, Almerinda, revista Modos]

Rubens Coura montando a instalação no lote 28, VI JAC. Fotógrafo: Gerson Zanini (Studio Um).

Acervo/Fundo: MAC/USP

# Walter Zanini & Bienais de SP - 16<sup>a</sup>. Ed. 1981 | 17<sup>a</sup>. Ed. 1983

- Consultor da Bienal de SP desde 1963;
- Escrevia artigos sobre a mostra [desde a 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, ed. etc];
- Boicote - desde 1969 (10<sup>a</sup> ed.)
- o primeiro "curador" da Bienal de São Paulo -- termo que a instituição passa a adotar a partir da 16<sup>a</sup> Bienal;
- 16<sup>a</sup> - desfez a representação por países, embora as embaixadas ainda indicassem os artistas; "arte postal"
- 17<sup>a</sup> - memorando Flávio de Carvalho; arte plumária

# XXVI

# Bienal

Catálogo Geral

# de São Paulo

# Outubro Dezembro 1981

Curadoria

Curador Geral

Walter Zanini  
Gabriela Suzana  
Wilder (Assistente)

Curador da Exposição de Arte Postal

Julio Plaza  
Gabriela Suzana  
Wilder (Assistente)  
Cida Galvão (Auxiliar)

Curador da Exposição Internacional  
de Arte Incomum

Victor Musgrave

Curador da Exposição Nacional  
de Arte Incomum

Annateresa Fabris

Curador de Vídeo-Arte

Cacilda Teixeira  
da Costa  
Marília Saboya,  
Renata Barros,  
Roberto Sandoval  
(Assistentes)

Curadores de Cinema

Agnaldo Farias  
Petronio França  
Samuel Eduardo Leon

Comissão Internacional para a Organização da Exposição

Walter Zanini	Presidente
Bruno Mantura	(Itália)
Donald Goodall	(Estados Unidos)
Helen Escobedo	(México)
Milan Ivelic	(Chile)
Toshiaki Minemura	(Japão)

Projeto de Montagem

Jorge Aristides de Sousa Carvajal (Arquiteto)  
Cida Galvão (Assistente)

Projeto de Comunicação Visual

Jorge Aristides de Sousa Carvajal (Arquiteto)  
Cida Galvão, Maria Angélica dos Santos,  
Maria Eliza dos Santos (Equipe)

Monitoria

Daisy Valle Machado Piccinini de Alvarado (Orientadora)  
Maria Isabel Meirelles Reis Branco Ribeiro (Assistente)

Imprensa

Mônica Filgueiras de Almeida  
Teresa Pereira

Cat. Exp. 16<sup>a</sup>. Ed.  
Bienal de São Paulo,  
1981

# 16ª Bienal SP – Arte postal

“... Abriu-se um espaço específico destinado aos artistas de Arte Postal, convidados no mundo inteiro. Nos últimos anos cresceu-se consideravelmente o círculo dos que utilizam o correio enquanto suporte ou media para a produção da arte. Na Bienal, o público poderá conhecer os desdobramentos intermediais recentes dessa atividade que tem sido quase sempre rejeitada pelo sistema oficial das artes”

Cat. Exp. 16ª Bienal de São Paulo. São Paulo, Fund. Bienal de SP, 1981, p. 19



Arte postal enviada para a Bienal de SP – c. 500 artistas de várias nacionalidades: selos, cartões postais, projetos, fotografias, textos, registros de performances, diagramas, livros de artistas.



© José Roberto Cecato

Segmento de Arte Postal na 16ª Bienal

17ª BIENAL DE SÃO PAULO

# Catálogo Geral

## SUMÁRIO

2	Nota editorial
3	Apresentação/Luiz Diederichsen Villares
4	Presentation/Luiz Diederichsen Villares
5	Introdução/Walter Zanini — curador geral
6	Introduction/Walter Zanini — general curator
8	Regulamento da 17.ª Bienal de São Paulo
9	Reglamento de la 17.ª Bienal de São Paulo
11	Règlement de la 17 <sup>ème</sup> Biennale de São Paulo
12	Regulation of the 17 <sup>th</sup> São Paulo Biennale
14	Países participantes/Comissários
15	Textos de apresentação dos artistas/Ordem alfabética de países
53	Artistas convidados da 17.ª Bienal de São Paulo
54	Relatório do Comitê Internacional da 17.ª Bienal de São Paulo
54	International Committee of São Paulo's 17 <sup>th</sup> Bienal Report
55	Rapport du Comité International de la 17 <sup>ème</sup> Biennale de São Paulo
56	Orientação para os visitantes
57	Artistas do Núcleo I — Vetor A/Ordem alfabética
58	Instalações
90	Fotografia
102	Novos Media
151	Artistas do Núcleo I — Vetor B /Ordem alfabética
152	Escultura
172	Pintura
252	Desenho
271	Gravura
291	Artistas do Núcleo II
375	Exposições Satélites
376	Arte Plumária do Brasil
396	Pintura Aborígene da Austrália
399	Plantas
406	Índices
411	Colaboradores
412	Agradecimentos

Cat. Exp. 17ª. Ed.  
Bienal de São Paulo,  
1983

**CARVALHO, Flávio de**  
Brasil

**Introdução a Flávio de Carvalho**  
Walter Zanini

Apresentar o artista plástico e arquiteto Flávio de Carvalho à luz de novas pesquisas é o principal objetivo desta exposição do Núcleo histórico da 17.ª Bienal. Alguns outros aspectos marcantes de sua atividade foram conjugados àquele corpo maior da mostra através de uma documentação selecionada. A intenção dos organizadores é, assim, a de ressaltar os dois pólos referidos e ao mesmo tempo tornar possível uma melhor compreensão dos propósitos interdisciplinares do artista e do intelectual, instigando o interesse para uma obra de grande complexidade cultural.

De forma meritória concorreu para o alargamento dos estudos sobre Flávio de Carvalho o trabalho — parcialmente efetuado com bolsa da FAPESP — do pesquisador Rui Moreira Leite. A ele deve-se o levantamento sistemático, em adiantado estado, das obras do artista pertencentes a coleções públicas e particulares. Sua tarefa estendeu-se paralelamente ao inventário dos projetos e realizações do arquiteto, da produção teatral e coreográfica, bem como do animador cultural, do autor de livros, ensaios e artigos de várias naturezas, do conferencista, do homem das experiências públicas, de viagens e explorações míticas.

Neste catálogo figuram textos críticos, biográficos e de introdução bibliográfica de Rui Moreira Leite, ao lado dos artigos de Newton Freitas e Sérgio Milliet<sup>(1)</sup>, além dos depoimentos solicitados aos escritores Sangirardi Júnior e Nicanor Miranda, que conheceram de perto Flávio de Carvalho. A escolha das obras e da documentação foi efetuada conjuntamente por este curador e Rui Moreira Leite.

Dado essencial das preocupações de Flávio de Carvalho foi a evolução biológica e mental do homem. Será necessário um dia esclarecer em que medida ele atinge nesses domínios por entre toda a erudição e brilho que demonstra, a reflexão original. Não é entretanto difícil dar-se conta da vitalidade que norteou suas inúmeras teorias projetadas não raro em ações comportamentais, como prática psicológica e sociológica. Estudos psicanalíticos que desenvolvia desde jovem resultariam na intervenção provocatória em procissão de Corpus Christi, relatada e analisada no livro *Experiência n.º 2*. Houve entre outros seus empenhos aquele muito especial, dirigido ao conhecimento histórico e às razões subliminares da evolução do vestuário, que o conduziram em certo momento ao desejo de influenciar a moda realizando o seu passeio público de blusa e saíote. A obra do artista plástico, empenhado na figura humana e em ininterruptas buscas da profundidade fisiognomônica, do retrato, é um meio fundamental dessa investigação dialética que reúne o conceptual e a práxis, o plano sensível e a morfologia.

A pessoa e a obra de Flávio de Carvalho criaram sem dúvida uma aura carismática. Mas sua contribuição fecunda de estudioso e artista está longe de desfrutar de um justo reconhecimento nas avaliações da cultura contemporânea do país. A obra do pintor e principalmente do desenhista tem sido objeto da atenção crítica, porém a diversidade dos seus talentos não escapou da fama de uma dispersão maluca, de um obstáculo à afirmação de sua capacidade artística. Não faltaram assim os que no passado o viram como indivíduo fragmentário. Numa época de especialização como esta, não é realmente

fácil admitir a sobrevivência de homens aptos a uma visão do mundo através de formas múltiplas de linguagem que interpretam a realidade.

Não será entretanto senão pelo conhecimento de sua obra multimoda que encontraremos o exato caminho para apreciarmos devidamente o personagem. Sua contribuição cultural, se não perde a cada apreciação isolada das partes, ganha significado pleno quando considerada contextualmente. Os rumos multimediais que se fizeram sentir na evolução recente da arte, emanados de Marcel Duchamp, com quem Flávio de Carvalho possui certos ângulos relacionáveis, permitiram sem dúvida seu melhor entendimento. Até onde nos é dado saber, ele nada tem de gratuito ou caprichoso correspondendo, ao contrário, a par de aguda sensibilidade, a um pensamento e ação de inegável seriedade e coerência.

A obra de Flávio de Carvalho, o quando são passados dez anos de sua morte, tem prevalecido a informação pouco aprofundada. A seu respeito há com certeza dados dos mais conhecidos e outros menos observados além daqueles completamente ignorados. Sem dúvida, o pintor e o desenhista foram bastante divulgados: ao longo de quarenta anos sempre estiveram presentes em exposições de maior ou menor vulto, inclusive Bienais. As numerosas ações que realizou na rua atraíram a atenção popular. Enquanto isso, o arquiteto permaneceu numa posição bastante incômoda e marginalizada. Os vários livros do escritor excelente terão sido mais citados do que lidos — à exceção talvez de *Experiência n.º 2* — e sabe-se geralmente muito pouco dos inúmeros textos publicados em jornais e revistas, assim como das comunicações que apresentou em congressos de filosofia e psicotécnica, psicologia, arquitetura, estética etc. Há sempre citações das fortes influências que recebeu de Darwin e Freud (devendo acrescentar-se, entre outras mais, a de Nietzsche, a quem pretendia dedicar um templo), porém não houve quem abordasse a questão. Nenhum estudioso do modernismo deteve-se no autor vanguardista de teatro e dança. O criador de uma nova maneira de vestir para os trópicos e as teorias que desenvolveu sobre o assunto aguardam uma tese universitária. Em compensação, o animador cultural motivou frequentes entusiasmos, muito embora também essa atuação, principalmente nos anos 30, exija atenção mais acurada. O crítico de arte e esteta são praticamente desconhecidos. Há ainda nessa trajetória singular outros ângulos de versatilidade, como o das expedições aventureiras, que lembram romances de ficção, em busca da deusa branca do Amazonas ou do núcleo de gafanhotos em Mato Grosso.

Tão fascinante e envolvente quanto a obra é a própria figura de Flávio de Carvalho. Mário de Andrade notara esse homem de alta estatura, "fisicamente grande, vendendo saúde, cheio de força física", cuja "criação revolta fortemente o seu ser físico"<sup>(2)</sup>. O porte atlético escondia entretanto uma personalidade tímida<sup>(3)</sup>. O tímido compensava-se nas atitudes agressivas ou de contestação, que lhe valeram perseguições, inimizades e o próprio escárnio. Ateu, ideologicamente progressista, sensível ao pensamento de esquerda mas desencantando-se da URSS ao conhecê-la em 1934, não se inclinava a partidarismos políticos.

Muitos dos seus traços de caráter, entre eles o da generosidade, foram curtiados em reportagens, entrevistas e artigos de imprensa e são anedotário fértil da vida cultu-



Lançamento do traje do verbo, em 1936.



Flávio de Carvalho e Eva Harris durante a expedição amazônica, em 1936.



Um figura de esquerda vê-se os indigenas das horas de sono das mangas e do tempo da camisa fechada para evitar a entrada de mosquitos.

Processo do traje para expedição das gafanhotos (livro dos anos 30).

# 17ª BSP - Flávio de Carvalho

“Estamos no caso diante de um ser humano de porte, de um investigador da mente e de um artista universal. [...] Flávio é um exemplo de atitude que **transcende a voz do ateliê e que se impõe por uma atuação pública**. As novas gerações, enriquecidas pela problemática conceitual, encontram sem dúvida nesse homem/ ideia toda uma riqueza precursora que o torna referência fundamental para nossa atualidade.”

CAT. EXP. 17ª Bienal de SP. São Paulo: Fundação Bienal de SP, 1983, p. 299.



# Walter Zanini - História Geral da Arte no Brasil

História Geral da Arte no Brasil (Ed. Instituto Walther Moreira Salles, 1983, 2 volumes), o maior esforço historiográfico feito nesse setor e que trouxe uma equipe de especialistas, entre os quais o antropólogo Darcy Ribeiro.

Capítulos Vol. 1 e 2.

1 - Arte no período pré colonial - Ulpiano B. Meneses

2 - Arte índia - Darcy Ribeiro

3 - Do séc. 16 ao início do séc. 19: maneirismo, barroco e rococó - Benedito Lima de Toledo

4 - Séc. 17 e o Brasil Holanês - José Luis Mota Menezes

5 - Os pintores de Nassau - José Roberto T. Leite

6 - séc. 19 transição e início do séc 20 - Mario Barata

7 - Art-nouveau, modernismo, ecletismo e industrialismo - Flávio Motta

8 - Arte contemporânea - Zanini

9 - Arquitetura contemporânea - Carlos Lemos

10 - Fotografia - Boris Kossoy

11 - Desenho Industrial - Julio Katinsky

12 - Comunicação visual - Alexandre Wollner

13 - Arte Afro Brasileira - Mariano Carneiro da Cunha

14 - Artesanato - Vicente Salles

15 - Arte Educação - Ana Mae Barbosa

# Walter Zanini - História Geral da Arte no Brasil

O texto "Arte contemporânea", escrito por Zanini, aproximadamente 300 páginas.

Dividido em cinco partes:

- Das origens do modernismo até Semana de 22;
- Da semana de 22 até 1930;
- Entre 1930 ao período da II Guerra Mundial [proliferação do Modernismo; CAM; SPAM; Santa Helena, etc];
- Integração no curso internacional da arte [Anos 1950-60];
- Variáveis artísticas nas duas últimas décadas [desmaterialização das obras e descentralização dos artistas, incluindo artistas de fora do eixo RJ / SP].

imagens para ilustrar as discussões - em grande parte de obras do MAC USP



naqueles anos já próximos da Semana de Arte Moderna — essencialmente Victor Brecheret, Vicente do Rego Monteiro (1899-1970) e Di Cavalcanti — a linguagem carecia da afirmação autêntica adquirida posteriormente. Era incontestável, porém, sua evolução em novas vias de percepção, em torno de 1920-21. Este amadurecimento anterior dos artistas e o entusiasmo que provocava nos escritores e poetas mais abertos autorizam a acreditar na tese do empuxo exercido pelas artes no modernismo das letras<sup>688</sup>.

Dos três artistas, Di Cavalcanti aparecia como o menos afirmado. Nascido no Rio, iniciara-se na arte através da caricatura, em 1914, na revista *Fon-Fon*, praticando-a intensamente nos anos seguintes a par de uma atividade de ilustrador. Paralelamente, exercia o jornalismo. Em 1917 fez sua primeira exposição em São Paulo. Nesse mesmo ano começou na pintura junto a Elpions. Assinalava-o, sobretudo, uma inclinação tardia pelo Simbolismo e o acento *art-nouveau*, visível em desenhos influenciados por Beardsley (1872-98) e telas de um 'penumbriismo' exteriormente próximo a Eugène Carrière (1849-1906) (o paralelo com o simbolista francês é de Ronald de Carvalho). Em 1921 ele realizou no Rio a série de desenhos "Fantoches da Meia-Noite", enfocando o mundo boêmio da Lapa com a verve da caricatura. Mas

689 Di Cavalcanti — "Fantoches da Meia-Noite", fev. 1922, Monteiro Lobato e Cia. Editores, São Paulo.

690 Di Cavalcanti — "O Beijo", 1923, têmpera sobre tela, 90,4 x 62,3, col. MAC-USP.

691 Capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna, desenhada por Di Cavalcanti.



# Walter Zanini & biblioteca MAC USP

## ACERVO BIBLIOGRÁFICO:

biblioteca que pertenceu ao **pintor Paulo Rossi Osir** e foi **adquirida pelo MAC USP** em 1963. Esforços de Zanini para adquirir a biblioteca da esposa do artista, Alice Rossi:

“são obras valiosas que muito enriqueceriam nossas reservas bibliográficas relativas à História da Arte, e que faço votos venham a pertencer à USP, **evitando-se sua dispersão**. No momento em que a arte começa a ganhar importância nos quadros da Universidade, **é fundamental a formação de uma biblioteca especializada**, motivo pela qual sou de parecer que a aquisição de um conjunto de livros não deve ser desperdiçada. Nosso parecer é pois pela aquisição da **Coleção que seria o início da Biblioteca com o assunto História da Arte em nossa Unversidade.**”

(Redação do ofício administrativo de processo MAC USP de 1963 solicitando recursos para aquisição da Biblioteca de Rossi Osir)

- Doação da biblioteca de Mario Zanini | Pola Resende | alguns exemplares da bibl. Lourival Gomes Machado;
  - organização da biblioteca do MAC USP – anos 1970 (catalogação dos volumes a partir das normas da biblioteconomia + política de empréstimo dos volumes);
  - Pedido aos artistas que doassem catálogos de sus exposições individuais.